



## **A MISERICÓRDIA DE CASTELO DE VIDE**

### **O Espírito e a Obra**

#### **Solidariedade e Fraternidade**

Desde longínquos tempos que existiram em Castelo de Vide e deram os seus bons frutos, várias instituições que o sentimento beneficente das suas gentes e o seu espírito de fraternidade cristã alimentava. Foram as albergarias, as gafarias, as capelas, etc., e um sem número de legados. Quase todas estas manifestações de caridade visavam o culto religioso e o apoio a quem, além do amparo espiritual, carecia de auxílio na pobreza, na doença, na velhice ou na orfandade, tal como no abrigo e assistência aos que, principalmente pobres e miseráveis, por estas terras passavam peregrinando.

Eram as Gafarias, destinadas às vítimas do Mal de Hansen, a terrível lepra, aos "gafos", padecimento para que não havia cura e que os perigos do contágio obrigavam a isolar; eram as albergarias, que acolhiam os peregrinos, em especial os doentes, os idosos ou os materialmente mais carecidos; eram ainda as capelas, numerosas em Castelo de Vide e que, embora de âmbitos muito mais reduzidos no campo social, consistiam na afectação de bens a uma ou mais finalidades, geralmente religiosas ou também de beneficência, e em que deviam ser empregados os respectivos rendimentos.

Também as confrarias, hoje todas ou quase todas extintas em Castelo de Vide, geralmente instituídas nas igrejas paroquiais, floresceram com grande importância e prestígio, principalmente de carácter religioso, mas que também incluíam por vezes fins de natureza social. Está por escrever a sua história. E pela intervenção que tinham na vida da sociedade, o seu interesse ultrapassa mesmo o estrito âmbito da sua notória acção.

#### **D. Leonor, os seus Colaboradores e as Misericórdias**

Completaram-se, em Agosto de 1998, 500 anos que D. Leonor, a Rainha irmã de D. Manuel I, então regente do Reino, fundou a Misericórdia de Lisboa, provisoriamente numa das capelas dos claustros da Sé de Lisboa, onde se venerava Nossa Senhora da Piedade, orago de uma confraria ali existente, mas sem que com esta confraria tivesse relação alguma. O Rei D. Manuel partira para Espanha com a Rainha D. Isabel, sua primeira mulher, filha dos Reis de Castela D. Fernando e D. Isabel, confiando a Regência a sua irmã.

Alguns anos antes tinha D. Leonor fundado o célebre Hospital das Caldas (1485), cuja construção só viria a estar concluída em 1500, mas que já desde 1488 assistia doentes pobres, e que terá sido, segundo vários historiadores, um dos primeiros hospitais termais do mundo, sendo esta a sua principal valência. Porém, este hospital nada tendo que ver com as Misericórdias, pois exercia apenas, ou principalmente, a assistência termal aos pobres, era no entanto, já uma das manifestações práticas da acção reformadora da que viria a ser a fundadora das Misericórdias Portuguesas.



Juridicamente este hospital revestia o carácter de fundação, tendo por base de sustentação o rendimento dos seus bens, enquanto as Misericórdias viriam a ser, e são-no ainda hoje, associações civil e canonicamente erectas, com um projecto de solidariedade e de acção assistencial muito mais elevado e vasto.

Vivia nessa época em Lisboa, desde 1481, um bondoso frade da Ordem da Santíssima Trindade, Frei Miguel Contreiras, notável pregador, alma grande e sensível, de abnegada solidariedade cristã e fervoroso espírito apostólico, natural, segundo se crê, da cidade de Segóvia, Espanha, onde nasceu em 29 de Setembro de 1413. Pela sua intensa acção caritativa e pelas suas eloquentes pregações, sempre atentamente escutadas, em Lisboa ouvia-se dizer dele: " - Ali vai o Apóstolo, o pai dos pobres, o amparo dos órfãos e o remédio de todos." Brilhava nele a chama do amor do próximo, dos que padeciam mais necessidades. Percorria as ruas da Cidade pedindo esmolas, dádivas com que ia enchendo os alforges que o seu burrinho carregava, guiado por um anão, para acudir aos muitos pobres, doentes e encarcerados. Viria o bom frade a falecer em Lisboa em 29 de Janeiro de 1505 no Convento da sua congregação, onde ficou sepultado, convento que o terramoto de 1755 destruiu.

Frei Miguel, por essas suas virtudes, pelo seu vivo entusiasmo apostólico e fama de grande orador, foi escolhido pela Rainha D. Leonor para seu confessor, encontrando na nobreza de carácter, na cultura e no pensamento cristão da excelsa Rainha ideais de verdadeira solidariedade e grande preocupação com as questões sociais.

A viúva de D. João II, filha de D. Fernando, Condestável de Portugal, e de D. Beatriz, filha de D. João, um dos Príncipes da Ínclita Geração, era uma mulher culta e generosa, de espírito esclarecido e que na reforma da assistência em Portugal, realizada nos fins do século xv, teve contribuição importante, em que avultam essas duas realidades, a fundação do Hospital das Caldas e a criação das Misericórdias, a partir da que fundou em Lisboa.

No pensamento de D. Leonor, a "Princesa Perfeitíssima", como a apelidou Frei Jorge de São Paulo, conhecedora das misérias e dos sofrimentos de que padecia grande parte do povo de Lisboa, nascera a ideia de conceber e pôr em prática uma instituição que pudesse acudir ao maior número possível daquelas carências e sofrimentos. Uma instituição que se não limitasse a cuidar dos doentes, ou a minorar os efeitos da pobreza material, ou ainda a qualquer dos outros campos de acção específica como, embora muito meritoriamente exercidos, confrarias e irmandades tradicionalmente o vinham fazendo. Era preciso ir mais longe.

Para dar realização prática ao seu generoso impulso de levantar em Lisboa uma instituição tão completa e tão conforme à genuína caridade cristã, pôde a Rainha contar, não só com Frei Miguel, mas com a colaboração do inteligente e culto D. Jorge da Costa, o Cardeal de Alpedrinha, por quem tinha grande admiração, e que em Roma gozava de justo prestígio.

D. Jorge da Costa, que nascera em 1406 na vila de Alpedrinha, vivia em Roma, dada a incompatibilidade que havia entre ele e o Rei D. João II. Estudou em Paris, foi bispo de várias dioceses, Arcebispo de Lisboa, diplomata, ocupando ainda outros cargos. Recebeu do Papa Sisto IV o chapéu cardinalício em 1476.



Morreu em Roma, como Decano do Sacro Colégio, em 1508, com 102 anos, sendo sepultado na Capela de Santa Catarina, que mandara construir na Igreja de Nossa Senhora do Populo.

Bem informada, e certamente estudiosa e preocupada com os problemas assistenciais do seu tempo e do seu país, D. Leonor teve portanto em Frei Contreiras e no Cardeal de Alpedrinha os preciosos auxiliares para giz e pôr de pé a ambiciosa obra que idealizara: a Confraria da Misericórdia de Lisboa, a que se seguiriam todas as outras, e em cuja acção se previa a prática das 14 Obras de Misericórdia: as sete espirituais e as sete corporais.

D. Leonor estava a par da acção desenvolvida por todas as confrarias, como, por exemplo, as de Rocamador e as do Espírito Santo, que segundo certos autores poderão ter tido alguma influência no seu espírito, e devota e seguidora que era dos ideais franciscanos, de tudo isto a Rainha terá tirado quanto pudesse contribuir para o seu superior projecto. Mas nenhuma daquelas confrarias poderia no entanto servir de modelo para a instituição a criar, em que se pretendia uma acção muito mais vasta que, no entender da sua régia promotora, só com o exercício de todas as Obras de Misericórdia se podia cumprir.

A denominação da Confraria teria sido inspirada pelo culto mariano, à Mãe de Misericórdia, ou derivaria talvez da própria expressão que designa aquelas 14 obras de humanidade cristã, mas, alguém com mais autoridade o diz, a denominação terá provavelmente sido inspirada, certamente com estes fundamentos, pela Confraria da Misericórdia de Florença.

Assim, a 15 de Agosto desse já distante ano de 1498, D. Leonor instituía a Confraria da Misericórdia de Lisboa, a que, à sua semelhança, tantas se haveriam de seguir em Portugal e por esse mundo fora. D. Manuel I, como se disse, estava ausente do País, mas tudo estava pronto e tantas necessidades e misérias não se compadeciam com delongas de protocolo. Deste modo a Misericórdia de Lisboa iniciou desde logo a sua importante acção. Não dirigida ou resultante de qualquer deliberação superior, mas sim conforme ao seu espírito, a partir de uma associação, constituída por 100 irmãos que, segundo o "Compromisso" que regeria a Confraria, voluntariamente se "comprometeram" àquela sublime missão. D. Manuel I, logo que regressou a Portugal, aprovou a nova Confraria e solicitou do Papa Alexandre VI a sua ratificação.

### **Em Castelo de Vide**

Como em todo o Reino, e progressivamente difundidas por onde quer que os portugueses se foram instalando, naturalmente a gente de Castelo de Vide fez nascer a sua Confraria da Misericórdia, auxiliada na sua missão por muitas e variadas generosidades, na continuação, com igual espírito e idêntico estatuto, da que D. Leonor fundara em Lisboa. Quando e como se fundou, não se sabe ao certo. A sua história está também por fazer, embora se saibam pela tradição, os seus inegáveis bons serviços e se conheçam muitos passos da sua existência de mais de 400 anos.





Não se sabe rigorosamente, portanto, quando teria sido instituída a Irmandade da Misericórdia de Castelo de Vide. Tem-se como certo, porém, que foi ainda em vida da Rainha fundadora destas tão prestigiosas instituições.

O mais antigo Compromisso que se lhe conhece, aquele que se tem como sendo o primitivo, foi aprovado por alvará de D. João IV em 30 de Janeiro de 1650. Todavia, a data que nele se lê é a de 1633, verificando-se uma rasura que incidiu sobre os três últimos algarismos, que foram depois manuscritos e, conseqüentemente, não são dourados como o primeiro. Mas se de facto a data da sua elaboração foi aquela, como se compreenderia que só 17 anos depois o alvará régio o viesse a aprovar? Em 1633, como é sabido, reinava em Portugal Filipe III, IV de Espanha, e no período filipino vários compromissos de outras Misericórdias não deixaram de ter aprovação, sabendo-se mesmo que os Filipes tinham em bom apreço estas peculiares instituições portuguesas. O que parece certo é que este Compromisso começou a vigorar após o referido alvará de 30 de Janeiro de 1650, como se pode inferir dos "Acrescentamentos" que se lhe seguiram com datas posteriores relativamente próximas a Janeiro de 1650.

Possui a nossa Santa Casa um exemplar deste Compromisso, manuscrito, com uma iluminura, encadernado e com fechos metálicos, já muito velhinho, como é natural, constituindo esta peça um valor bibliográfico e um testemunho histórico, que continua a ser rigorosamente preservado.

Mas, como se disse, a vida desta Misericórdia está por investigar, e alguma documentação poderá vir, se não a determinar uma data exacta, pelo menos a poder-se estabelecer um mais estreito período em que a mesma se situará.

A data mais antiga de que presentemente se tem notícia sobre a Confraria da Misericórdia de Castelo de Vide é a de um alvará de D. Manuel I, datado de 2 de Abril de 1521, citado por César Videira na sua obra "Memória Histórica da Muito Notável Vila de Castelo de Vide", alvará este, portanto, ainda em vida de D. Leonor, que faleceu em 1525. Daqui, se pode constatar que a Irmandade da Misericórdia já teria algum tempo de vida antes da referida data do alvará. A hipótese de existir, mas ainda sem compromisso aprovado, não parece ter valimento, pois não seria natural que o Rei lhe concedesse um benefício sem que uma aprovação régia, que seria dele próprio, ou outra, lhe tivesse dado existência legal. Mas outro alvará régio igualmente nos elucida a esse respeito: D. João III confirma a dita concessão, do alvará de 2 de Maio de 1551, muitos anos antes, portanto, da data inscrita naquele velho Compromisso.

Diz ainda César Videira na obra citada, que "(...) já em 1534, na Carta de Doação de 19 de Agosto, se faz menção da Confraria da Misericórdia, como donatária dos terrenos adjacentes à ermida para edificações adequadas aos seus piedosos intentos". Tal documento é mais uma prova a aduzir, de que a Confraria já existia e em forma legal antes de 1633, como igualmente o são os nomes dos benfeitores da Misericórdia, mencionados também por este autor, e anteriores à referida data.



A data de 1777 inscrita na porta principal da Igreja de Santo Amaro, da Misericórdia, na Rua do mesmo nome, poderá referir-se a uma substancial remodelação do templo, ou, talvez o mais provável, à substituição da já aludida ermida que ali houve, também dedicada ao taumaturgo Santo Amaro, e cuja construção se iniciara em 1494, por licença do Bispo da Guarda, datada de 11 de Junho desse ano, diocese a que ao tempo Castelo de Vide pertencia.

A Irmandade por esse tempo, tomando por base a dita data de 1777, deve ter atingido relevante vivência espiritual e maior disponibilidade de meios. Assim o parece mostrar aquele imóvel (para o tempo com certo valor) destinado à instalação da sua sede e hospital, bem como à bela igreja, para o certamente muito culto que a Confraria praticava.

Na fachada do prédio, sobre a porta de entrada, uma placa oval, em mármore, contém gravada a seguinte inscrição:

DESIDERIUM  
PAVPERVM EXA  
VDIT DNUS  
P. S

(O Senhor atende as necessidades dos pobres)

### **A Invocação de Santo Amaro**

Vem de longe a devoção de Castelo de Vide a Santo Amaro ou Mauro - que nasceu em Roma, de família senatorial, venerado naquela igreja da Misericórdia e invocado como patrono do seu hospital. Com doze anos de idade foi este frade confiado aos cuidados de São Bento, desde logo se distinguindo entre os demais, pelo que em breve era modelo para os outros religiosos. A Santo Amaro, Abade, se atribui a implantação do Instituto Beneditino nas Gálias. Tem-se como provável o seu falecimento no ano de 584.

Assim, foi a partir daquele local e por muitos anos que a Confraria da Misericórdia teve a sua sede, a sua igreja e o seu hospital, sendo este tipo de assistência a principal actividade exercida durante a sua longa vida. Já em 1534, facto a que acima aludi, a Câmara Municipal concede à Misericórdia um terreno maninho junto à primitiva ermida, para ali construir casas para os enfermos necessitados.

Foi portanto no vetusto edifício da Rua de Santo Amaro que a Santa Casa - assim as designou o povo, pelo bem que delas recebia - iniciou e desenvolveu o seu trabalho particularmente com o Hospital, mas também com o culto, não só interno mas na participação nos actos de culto públicos, na Vila realizados, tendo designadamente ao seu cuidado alguns deles, como certas celebrações da Semana Santa.



A partir de 8 de Dezembro de 1855 foi o Hospital de Santo Amaro, pois sob a protecção deste santo e à sua devoção continuou consagrado, transferido para o Rossio da Vila, praça agora denominada Largo Capitão Salgueiro Maia, instalando-se no edifício em que estiveram outrora os frades de São João de Deus. Com o Hospital acabaram por ser também levados para ali os serviços administrativos da Santa Casa.

Mas se a actividade predominante foi ao longo dos tempos o tratamento dos pobres e indigentes, no Hospital ou em suas casas, a Misericórdia agiu, na medida das suas forças e das necessidades locais, também em dedicada obediência e prática das demais obras de Misericórdia, certamente com períodos de maior ou menor desenvolvimento, como afinal é próprio dos homens e das contingências do tempo, mormente no decurso de tão dilatados anos.

Com a alteração do regime político em Portugal, após Abril de 1974, o Governo tomou conta dos hospitais das Misericórdias, continuando estas com as demais actividades que já vinham exercendo e outras. Assim aconteceu, portanto, com a de Castelo de Vide.

O seu belo templo, ainda belo mas abandonado e a ruir, a velha Igreja de Santo Amaro, pelo seu passado, mas principalmente dado o valor arquitectónico do interior, merece aqui especial referência. Igualmente justifica uma visita, mas só por quem tenha ânimo para sofrer a mágoa de ver aquela confrangedora decadência, e o não menos penoso prenúncio da perda de tão rico e histórico património, perda a que aquela lenta agonia vai conduzindo.

A mais antiga bandeira da Misericórdia de Castelo de Vide que se conhece, semelhante à de outras Misericórdias, era constituída por duas telas pintadas que, justapostas pelas suas faces posteriores, formavam um pendão com dois lados, fixado numa vara, com que era conduzido. Uma das faces representando Nossa Senhora da Misericórdia, com o seu manto protector cobrindo várias figuras, simbolizando o Papa, Frei Miguel Contreiras, o Rei e os pobres protegidos pela Misericórdia, e na outra face a imagem de Nossa Senhora da Piedade, vendo-se mais duas figuras, São João e Santa Maria Madalena, segundo creio.

No sentido de que se não deteriorassem estas pinturas, e se não viesse mesmo a perder esta simbólica referência da Misericórdia, as mencionadas telas foram há cerca de cinquenta anos devidamente restauradas e emolduradas em oficina da especialidade, encontrando-se desde então numa das paredes da capela devotada a Nossa Senhora da Soledade, no Hospital em Castelo de Vide, mas carecendo já de novos cuidados de conservação.

A tradicional imagem de Santo Amaro, em pedra policromada, do século XV, santo protector do hospital da Misericórdia e de grande devoção nesta Vila de Castelo de Vide, cujo dia festivo (15 de Janeiro) dá lugar e nome a uma antiga feira local, é outro símbolo evocativo da espiritualidade e do passado da Santa Casa, e uma bela peça escultórica da Instituição.





## A Misericórdia Hoje

A terminar esta breve abordagem à vida de uma das mais antigas entidades de assistência de Castelo de Vide, a sua Santa Casa da Misericórdia, refira-se apenas que a Instituição se dedica presentemente à assistência a pessoas idosas, através do Albergue João José Le Cocq, inaugurado em 28 de Novembro de 1948. Foi criado em cumprimento de disposição testamentária do Conselheiro Alfredo Carlos Le Cocq, em que, com reserva do usufruto para sua mulher, legou para esse fim à Misericórdia a cota disponível dos seus bens. Esta casa completou assim já no passado ano de 1998 meio século de vida.

E quase com a mesma finalidade assistencial, mas em moldes diferentes, administra o Recolhimento da Conceição instituído, sob o estatuto de capela, por Cipriana de Torres, em seu testamento de 10 de Março de 1626. Nele estabelece como administradores: "(...) primeiramente a Maria Mendes Gabada, que administrará em sua vida, cumprindo com os encargos que nella deixo e por seu falecimento serão administradores da dita capela o Provedor e irmãos da Casa da St.<sup>a</sup> Misericórdia desta vília, enquanto o mundo durar mandarão cumprir os encargos della, pontualmente, na maneira declarada; (...)".

De criação mais recente, tem ainda a misericórdia o Centro de Dia, também para idosos, instalado em umas dependências do edifício do Albergue João José Le Cocq, expressamente preparadas para o efeito, e que entrou em plena actividade em 1 de Outubro de 1981.

Quase a entrar no terceiro milénio, a Misericórdia, esta nossa secular instituição, com os princípios e valores de sempre, se prudentemente actualizados na sua prática a cada momento, pode manter a alma e os superiores fins que sempre prosseguiu. E é, aos que somos e fazemos o presente, que cabe a responsabilidade de lhe dar vida e sentido, a vida e sentido que o seu passado nos legou e as garantias de futuro que o mesmo presente de nós reclama.

**Diogo Salema Cordeiro**